



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

S. GUALTER DE GUIMARÃES

ENSAIO BIOGRÁFICO

(Continuado da página 206 do número anterior)

Altar de S. Gualter, assim popularmente chamado, posto que de maneira imprópria. A Irmandade de S. Gualter não possui hoje altar próprio.

As Relíquias do seu santo Padroeiro estão à veneração no do Descendimento, que por benigna concessão da Casa Pombal a êsse fim, foi adaptado. O antigo altar desapareceu com a demolição da capela que ali existiu, e cujos vestígios ainda hoje se vêem no muro exterior, lado norte, da igreja. Descreve-a em duas palavras o cronista da Província de Portugal: «foram depositadas as veneráveis relíquias noutro sepulchro de pedra, dourado, numa capella, levantada em columnas, que também a villa edificou. O frontespicio della faz grande ostentação do letreiro q. se segue:

DIVO . GUALTERO . D . F . D . VIMARAN . PATRONO . INSTAURATI
• FESTI • VOTO • IIII • ANNOQUE • M . D . LXXVII • P . V . F . C . »

Cuja tradução é: *A S. Gualter, discípulo de S. Francisco, Padroeiro de Guimarães, em cumprimento do voto quatro vezes repetido, e no ano de 1577. O povo vimaranense fêz edificar.*

«O sepulchro está posto no altar e declara com este verso latino como elle nos esconde os ossos do veneravel Gualter:

GUALTERI TEGIT HOC VENERABILIS OSSA SEPULCHRUM.,

Desapareceu, sem que deixasse os mais ténues vestígios, a pedra onde este verso se lia.

O que resta é o *leiteiro do frontespício*, como lhe chama Esperança, donde directamente o copiámos corrigindo a lição dêsse escritor e a do P.^e Caldas, dos quais o primeiro trasladou *Guathero* e o segundo *Gualto*. E' uma pedra ⁽¹⁾ cujo comprimento mede 2^m,50, e de altura 0,42. Devia pousar sobre os capitéis das colunas, em que estava levantada a capela, na expressão de Esperança.

E que triste calvário não tem passado a desafortunada *arquitrave*! Após os fúlgidos anos de glória que foram de 1578 a 1746, — uns bons 168 anos, — data em que a cerebrina estética do guardião do convento de S. Francisco transformou a séria e mística igreja no atabalhoado salão de galerias corridas, janelas rectangulares e tecto pintado que para ali se estadeia. Foi nesse ano que desapareceu a capela setecentista mandada levantar pela Irmandade, Comunidade e Povo da Vila.

O P.^e Esperança vai dizer-nos o que era a antiga igreja: «He este templo d'hua nave e com demazia largo: mas fabricado nesta forma pera que ficando desabafado pudesse recolher parte da gente, por ser tanta nos officios divinos, que tambem não cabia no alpendre posto que he muito grande. Era extranha a sua architectura por fora, porque muito mais subia o espigão do telhado, do que as paredes se leuantauão da terra, e como ficaua ingreme, em cahindo algum ou quebrando alguns dos telhões rasos, de que estaua coberto, com difficuldade tornauão a reformallo.»

Mas faça-se justiça a quem a tem. A «extranha architectura externa» já não chocou os nervos artísti-

(1) Jaz este infeliz granito ao fundo do pátio das escolas que a Ordem 3.^a da Penitência fundou nas dependências da igreja, onde era o antigo convento de S. Francisco. Está para ali abandonado, inspirando dó, coberto de musgos, com as arestas esborceladas, *esmôcado*, pedindo maguadamente que o levem dali para lugar onde não perigue a sua preciosa existência.

E não seria caridade atendê-lo, e levá-lo... para os claustros da «Sociedade Martins Sarmento»? Visto não passar hoje de documento arqueológico...

cos dos reformadores de 1746, porque o rev. guardião P.^e Manuel de Jesus a transformara em 1672, gastando-se nesse «concerto» a soma de «tres mil cruzados em dinheiro, além d'algua achegas», não levantando porém as paredes à altura a que hoje se vêem, nem as perfurando com os desgraçados rectângulos das actuais janelas, mas «abatendo algum tanto o telhado sem desterrar os sobreditos telhões, nê desfazer totalmente a figura». Essa proeza ficou para os seus continuadores do século seguinte.

Depois da demolição da capela ⁽¹⁾ permaneceram, ao que parece ⁽²⁾, as santas relíquias sem culto, até que em 1800 fôram de novo expostas à devoção dos fiéis.

E' de supor que a reexposição das veneráveis relíquias tenha sido acompanhada de solenes festejos, em desagravo do abandono e da incúria a que foram votadas, durante êsses escuros anos de incerta jazida.

A primeira coisa a que houve de atender-se, foi encontrar lugar onde elas se colocassem, visto da antiga capela não existirem sequer vestígios, salvo na parte exterior dos muros da igreja, como fica dito; e nenhum sítio mais apto ou adaptável encontraram do que o altar do *Descendimento*. Mas foi necessário, para as poderem ali expor, elevar uma petição ao marquês de Pombal, cujo era — *por direito pombalino* ⁽³⁾ — o padroado da capela e altar.

(1) A transformação da igreja na forma actual principiou em 1746 e terminou em 1749.

(2) Não pudemos conhecer o lugar onde foram guardados os restos de S. Gualter, ao serem extraídos do sepulcro. O mais antigo livro de *Actas* que a Irmandade de S. Gualter possui data de 1779, como se lê em seu frontispício: *Livro para nelle se escreverem, todos os termos que necessario for fazer-se (sic) na Irmd.^e de S. Gualter cita (sic) no convento de S. Francisco, Anno de 1779*, posterior por conseguinte ao ano da reforma do templo.

(3) «Defronte está o altar do Descendimento, tendo sobre a banqueta, as reliquias de S. Gualter. Foi mandado fazer por Simão de Mello, do conselho d'el-rei, que o annexou ao seu morgado de Airão, e d'elle foram administradores o marquez de Monte-Alvão, no século XVII, D. Fradique de Menezes com Francisco Freire Andrade e finalmente o conde d'Oeiras, marquez do Pombal, que o tirou a Gonçalo Christovão de Sergude, como consta do livro das sepulturas d'esta igreja — já era altar, com sepulturas dos avós e paes do instituidor, em 1571.» — *P.^e Antonio J. Pereira Caldas — Guimarães*, vol. II, pág. 99.

Devido à benevolência dum vimaranense, colecionador zeloso das antigualhas da sua ilustre terra ⁽¹⁾, podemos dar aqui um extracto da petição que os mesários enviaram ao dito marquês. Fundamentavam-na dizendo, «que elles conseguirã faculdade apostolica com beneplacito regio para exporem á veneração publica as preciosas reliquias do mesmo glorioso Santo, o qual sendo ainda em vida do glorioso e seraphico patriarcha S. Francisco, o fundador e primeiro guardião do primeiro convento ⁽²⁾ que na mesma villa teve a ordem seraphica, resplandeceu com virtudes heroicas, com que edificou os seus habitantes, e todos os mais povos de Entre-Douro e Minho, e tem Deus obrado por intercessão d'este seu Fidelissimo Servo pasmosos milagres, raras e estupendas maravilhas: movidos pois os supplicantes de uma verdadeiramente christã, generosa e fiel gratidão para com um Santo tão amado de Deus e dos homens que incessantemente se interessa em proteger, amparar e favorecer os seus Devotos, intentam elles mandar fazer uma devota imagem do mesmo Santo, fabricada com tal artificio que possam collocar-se n'ella os seus veneraveis ossos de sorte que fiquem expostos com toda a perfeição e decencia a veneração dos Fieis; Para collocação d'esta Imagem não acham elles na sobredita egreja, um altar mais proporcionado que o altar do Descendimento, de que V. Exc.^a bem como os seus Ill.^{mos} e Exc.^{mos} Ascendentes é padroeiro: mas como este altar por ser muito antigo, e estar já muito damnificado necessita de reparo e de retabulo novo intentam elles mandar fazer esta obra tão necessaria á custa das esmolas dos Fieis e collocar n'ella a mencionada Imagem, conservando-se sempre no mesmo altar e capella o Titulo e as imagens do Descendimento; e como para este effeito e fim tão santo e tão louvavel, indispensavelmente se requer o benigno consentimento e caritativa licença de V. Exc.^a não lhes faltando já o consentimento e licença do meretissimo e reverendissimo padre guar-

(1) O Sr. João Lopes de Faria, a quem reconhecidamente agradecemos as preciosas indicações que sobre S. Gualter nos forneceu.

(2) Note-se de passagem que o actual edificio é o terceiro convento franciscano edificado em Guimarães.

dião e mais religiosos d'aquella respeitavel communiidade: Portanto supplicam os oradores a V. Exc.^a com todo o zello e efficacia e fervor, que a sua cordeal devoção lhes inspira, se digne prestar benignamente o seu consentimento e licença para o que fica exposto: elles serão incessantes em dirigir fervorosas supplicas ao Altissimo pela preciosa vida de V. Ex.^a e de toda a sua Ill.^{ma} casa.»

E' de muito interêsse este documento por ser a história autêntica da imagem de S. Gualter actualmente exposta à veneração dos fieis. Por êle conhecemos de maneira certa onde as principais reliquias se encontram, e como estão ao culto, *por autoridade apostólica, referendada com o beneplácito régio*, o que dá excepcionais garantias de autenticidade. Tornaram pois as santas Relíquias para a igreja, sendo colocada a urna que encerrava a estátua-relicário no dito altar do Descendimento, por assim ter sido outorgado pelo padroeiro marquês de Pombal, como consta de um despacho datado de 5 de Junho de 1800, compromettendo-se a Mesa da Irmandade, por termo assinado na Provedoria a 19 do mesmo mês e ano, a reconhecer *in perpetuum* o Padroado que a Casa de Pombal tinha sobre o altar e capella, e ainda, a que tôda a despesa «assim no presente como de futuro, no mesmo altar por causa da collocação da Imagem, seria por conta da Irmandade.»

Para logo começaram os reparos na estátua; porque no livro de Actas da Irmandade, rubricado por Lopes Mor.^a, já encontramos, a fol. 16, passados apenas 14 anos, o seguinte — «*Termo que mandou fazer o Juiz, e mais off.^{es} de Meza e Irm.^{de} sobre o reparo que he preciso fazer-se na Imagem do S.^{to}* — Aos cinco dias do mez de Junho de mil e oitocentos e quatorze annos nesta Villa de Guimarães Convento de S. Francisco della estando ahi presente o Juiz e mais Mensarios e Irmandade que foi convocada a Som de Campa tangida conforme o louvavel e antigo costume ahi pela Meza foi proposto que a Imagem do Milagroso S. Gualter precisa novamente ser aberta pelo Juiz delegado, q. foi quando se pozerão as Reliquias do m.^{mo} Sancto a veneração publica dos fieis e quando a este se finda-se a Auctorid.^e requerer-se poder abrir a Urna

p.^a se fazer na m.^{ma} Imagem, habito e descencia da Urna o q. necessario for, para que não venha a perder o m.^{mo} Santo a veneração publica, e culto que lhe he devido. O que sendo ouvido pela mesma Irmandade descedirão uniformemente se fizesse tudo de sorte que de futuro não seja preciso fazer-se outras despesas, e de como assim o determinarão huns, e outros fazer este termo, e abaixo assignarão,»...

E com effeito seguem as assignaturas dos mesários que autenticam o anfigúrico *têrmo*.

E' a imagem-relicário, onde se encerram as reliquias de S. Gualter, uma grosseira escultura de madeira, sem arte nem gôsto executada, curta, atarracada, deploravelmente pintada. Está vestida de hábito, franciscano quanto à forma, mas de sêda preta! ⁽¹⁾ A urna que a encerra poisa sôbre a banquetta, ficando-lhe sobranceiro o retábulo do Descendimento.

O altar ou capela — como em sua *petição* lhe chamam o «Juiz e Mensarios da Irmandade», é assaz elegante, e de bom gôsto, sóbrio e correcto. Por êle podemos conjecturar, e talvez reconstruir, a antiga capela seiscentista do nosso santo. Também está levantada sôbre colunas, também ostenta o seu letreiro. O túmulo de S. Gualter pode ter sido modelo, ou modelado, do que ainda hoje existe numa parede escura da igreja de S. Domingos. Ponha-se êste túmulo no lugar onde está hoje a urna, coloque-se ao lado a imagem de S. Gualter — uma imagem pouco mais ou menos como a que existia na Fonte Santa — mudem-se os letreiros, quer o da arquitrave, quer o da frente do dito túmulo, e aí temos nós o que seria a capela demolida pelo camartelo dos bons frades de 1746.

(Continua).

T. G.

(1) ¿ Quem ignora que o hábito franciscano é de lã e de côr castanha? Havia-os também cinzentos; mas pretos e de sêda, só os pôde congeminar o artista anónimo daquela pobre estátua, a que, não obstante, um autor qualquer chama de «maravilhosa fábrika»...